



DESENVOLVIMENTO REVIEW

GUARDIÃO DA DEMOCRACIA | www.cddmoz.org

Quinta - feira, 15 de Setembro de 2022 | Ano 03, n.º 32 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

Altos preços de combustíveis sufocam pequenos e médios agricultores



Enquadramento

O debate sobre o sector agrário não é apenas importante para Moçambique, mas para o mundo em geral, e em especial para África. O sector é reconhecido como a chave para um crescimento económico de base ampla, redução da pobreza

e segurança alimentar na África Subsariana (Chilonda, Machethe, & Minde, 2007)¹. Sendo a espinha dorsal de muitas economias africanas, este sector gera em média 25% do Produto Interno Bruto (PIB) na África Subsariana e contribui com

¹ Chilonda, P., Machethe, C., & Minde, I. (2007). *Poverty, Food Security and Agricultural Trends in Southern Africa*. Pretoria: Regional Strategic Analysis and Knowledge Support System

cerca de 44% para a geração de emprego para a região². Estudos indicam que o crescimento na agricultura tem potencial de reduzir a pobreza duas a três vezes mais que o crescimento em qualquer outro sector.

Ainda assim, a África Subsariana continua sendo a única região no mundo onde a situação da insegurança alimentar e da pobreza vem piorando com o tempo³. O fraco desempenho da agricultura em produtividade e competitividade representa um sério desafio estrutural para o continente, que deve lidar com sua transição demográfica e competir em um mercado cada vez mais globalizado e mais competitivo de produtos agrícolas e agro-alimentares⁴.

Em Moçambique, o sector agrário é, nos termos da Constituição da República, a base para o desenvolvimento, e a indústria como o sector dinamizador da actividade económica. Entretanto, a agricultura não tem demonstrado sinais muito animadores desde a independência, em 1975. Entre os anos de 1991 e 1999, a estrutura económica de Moçambique, em termos de percentagem do PIB,

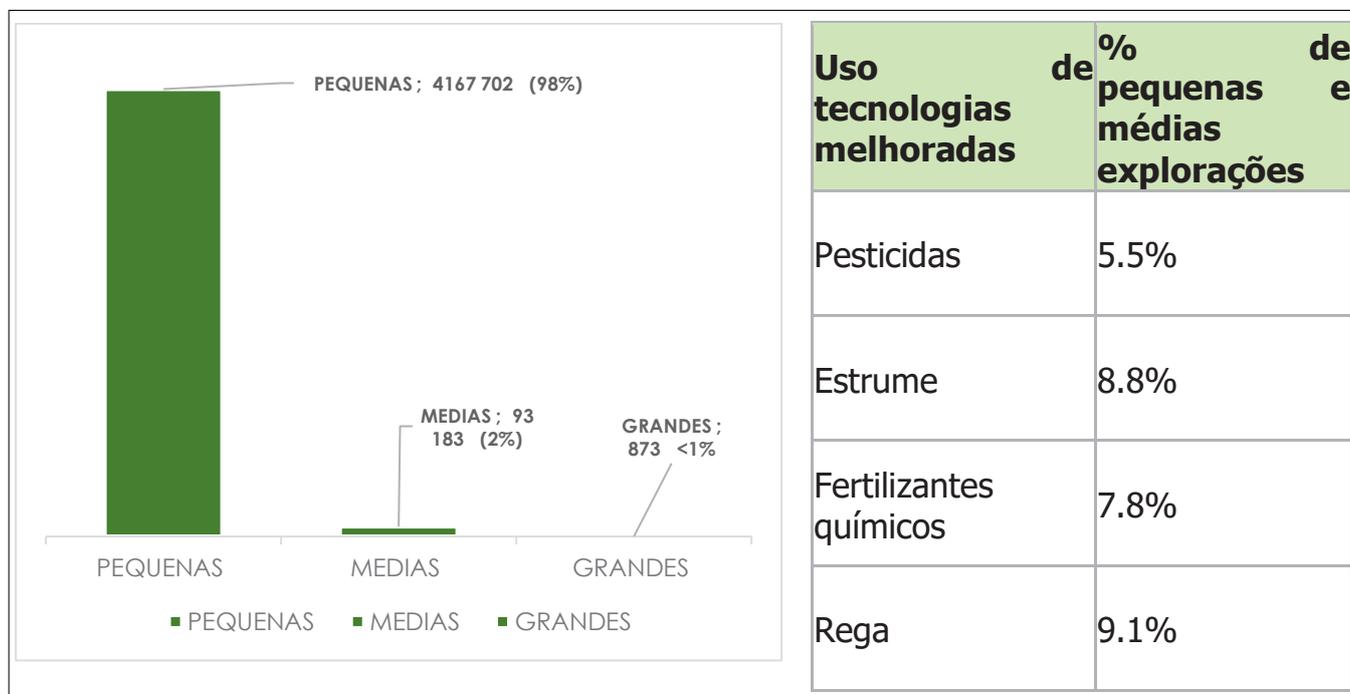
era dominada em cerca de 35.5% pela agricultura. Essa percentagem reduziu com o tempo, contribuindo agora com apenas apenas 20%.

No lugar de estar associada à diversificação da economia, a redução da agricultura na composição da economia acontece num contexto em que o sector ainda apresenta enormes desafios, sendo a baixa produtividade uma das principais, por ser tipicamente familiar de subsistência, em que o uso de tecnologias melhoradas não ultrapassa os 10%, conforme apresentado na tabela abaixo.

De acordo com o Inquérito Agrário Integrado (2020), apenas 873 são agricultores de grande escala, representando menos de 1%, e 93 183 são agricultores de média escala, representando apenas 2% do total. Faz parte do grupo de pequenos agricultores quem possui área cultivada não superior a 10 hectares e quem não possui mais de cinco hectares para o caso de área irrigada (pomares, hortícola e floricultura). Já os médios agricultores são os que possuem entre 10 -50 hectares de área cultivada não irrigada e entre 5-10 hectares de área irrigada.

Gráfico 1: Categorização dos agricultores por escala de produção

Tabela 1: % de pequenas e médias explorações usando tecnologias melhoradas



Fonte: Imposto Agrário Integrado (2020)

² Faria, J. (2021, April 23). *Employment in agriculture in Africa 2010-2020*. Retrieved from Statista: <https://www.statista.com/statistics/1230868/employment-in-agriculture-as-share-of-total-in-africa/>

³ SESRTCIC. (n.d.). *Food Security and Poverty Alleviation Initiative in the OIC Member States of Sub-Saharan Africa: A Preamble to Cassava Integrated Project*. Ankara: Statistical, Economic and Social Research and Training Centre for Islamic COun.

⁴ Devèze, J. C. (2011). *Challenges for African agriculture*. Washington, DC: Agence Française de Développement and the World Bank.

O enorme domínio dos pequenos agricultores faz com que Moçambique continue na posição de importador líquido de alimentos/dependência alimentar, numa situação em que as exportações de alimentos são superadas pelas importações. A dependência alimentar revela a vulnerabilidade do país aos choques do mercado internacional de alimentos.

Com este cenário, um dos principais desafios reconhecidos pelo Governo está em transformar a agricultura de subsistência para uma agricultura comercial virada para o mercado. E isso passa por promover uma reflexão sobre o impacto dos preços de combustíveis na pro-

dução de alimentos em Moçambique.

Foi dentro desse contexto que o CDD, com o apoio da OXFAM Moçambique, juntou quadros do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural, representantes de outras instituições relevantes do Estado, pequenos produtores do Vale do Zambeze e a sociedade civil para debater o impacto dos preços de combustíveis nos pequenos agricultores. Com o tema “Que medidas devem ser implementadas para evitar o agravamento da crise alimentar em momentos de múltiplos choques”, o debate decorreu no dia 18 de Agosto, na cidade de Maputo.

“O debate sobre os preços de combustíveis deve ser estendido para o seu impacto na actividade dos agricultores”, Adelson Rafael, OXFAM Moçambique



“Quando falamos do combustível normalmente a nossa discussão incide sobre questões relativas ao impacto nos preços do transporte público, mas muitas vezes não temos a oportunidade de fazer essa discussão ao nível dos custos de produção para os agricultores,” defendeu Adelson Rafael. Para o representante da OXFAM Moçambique, debater sobre os custos de produção dos agricultores é um assunto que diz respeito a todos, pois a existência da humanidade está ligada ao processo de alimentação.

Adelson Rafael lembrou que Moçambique teve, de Janeiro até Julho de 2022, três agravamentos dos preços de combustível. “Essa subida tem uma relação directa no processo de mecanização agrícola, sobretudo quando falamos dos pequenos agricultores que usam motobombas para irrigação”. Mas o impacto não termina por aí: “Os altos preços de combustíveis afectam igualmente o processo de logística de produção, isto é, tirar da zona de produção até ao mercado”.

O preço de combustível é a principal ameaça para a agricultura porque afecta a dinâmica de toda a cadeia de valor”, Dr. Amílcar Pereira, representante do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural



O representante do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural começou por considerar o debate oportuno justamente por juntar os pequenos produtores, a sociedade civil e representantes do Governo para reflectir sobre uma matéria que também é uma preocupação das autoridades.

A subida dos preços de combustíveis acontece num contexto em Moçambique ainda ressentido dos efeitos da pandemia da COVID-19, mas também de vários eventos extremos como resultado das mudanças climáticas, com algumas regiões a registarem secas. O conflito entre a Rússia e a Ucrânia, além de agravar os preços de

combustíveis e dos principais produtos alimentares, está a ter impacto nos preços de insumos como sementes, fertilizantes e outros produtos relevantes para o sector agrário, aumentando os riscos de insegurança alimentar.

“Quando questionado sobre como é que essa crise está a afectar Moçambique, várias vezes respondi que o principal elemento que traz preocupação não é a disponibilidade de fertilizantes, não é a disponibilidade de sementes, mas sim o impacto no preço de combustível. O preço de combustíveis afecta toda a dinâmica de cadeia de valor”.

“Governo deve aliviar o custo dos combustíveis nos pequenos agricultores e introduzir sistemas de formalização simplificada”,

Dimas Sinoia, Pesquisador do CDD



Para identificar os principais desafios enfrentados pelos pequenos agricultores do Vale do Zambeze, o CDD, em parceria com o NANA e OXFAM, conduziu entrevistas a pequenos agricultores no Vale do Zambeze, na Província de Zambézia, concretamente nos distritos de Alto Molócuè, Mocuba e Gurué.

Alguns dos desafios identificados incluem o fraco poder de negociação do preço, o fraco acesso ao mercado, bem como o impacto da subida dos preços de combustíveis com influência nos custos de produção e de transporte.

Mais preocupante é o impacto dos preços de combustíveis na actividade agrícola. Este ano, a Autoridade Reguladora de Energia (ARENE) já anunciou por três vezes o reajuste dos preços de combustíveis, cujos aumentos foram justificados pelo comportamento dos preços de *crude oil* no

mercado internacional e a escassez na oferta de petróleo devido ao conflito na Ucrânia.

O actual cenário de repetidos aumentos dos preços de combustíveis é assustador para os pequenos agricultores que têm o combustível como um importante factor de produção. Devido à falta de registo formal, os pequenos agricultores não podem beneficiar de qualquer benefício fiscal, por isso estão sujeitos aos elevados custos de combustíveis nas zonas rurais.

Uma opção seria simplesmente fazer reflectir o preço do combustível no consumidor final, entretanto os pequenos agricultores têm fraco poder de negociação, o que os torna incapazes de propor preços justos. “Alguns pequenos agricultores simplesmente não têm dinheiro suficiente para arcar com os custos de produção mais elevados”.

Estes desafios, se não forem acautelados, poderão agravar a crise alimentar nos próximos meses. Por isso, o CDD defende que o Governo deve introduzir medidas para reduzir o impacto dos preços dos combustíveis no sector agrícola. Medidas para aliviar o impacto do combustível nos agricultores é comum em outros países. É o caso de Portugal que aprovou um desconto nos preços dos combustíveis para a agricultura.

Apesar de existirem algumas medidas destinadas ao sector, a falta de um sistema local de formalização/certificação dos pequenos agri-

cultores faz com que estes, que representam a maioria, não beneficiem de muitas medidas adoptadas. Por isso, recomenda-se a criação de registos simplificados junto à administração local que concedam o direito dos pequenos agricultores de gozarem dos benefícios fiscais.

O pesquisador do CDD terminou referindo que as Perspectivas dos Mercados de Commodities do Banco Mundial de Abril de 2022⁵ apontam que o impacto da guerra nos preços poderá permanecer até final de 2024, exacerbando a insegurança alimentar e a inflação.



Bento Washisso, representante da Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA)

“O sector privado já há bastante tempo que vem discutindo o impacto dos preços dos combustíveis no sector agrícola. Até agora o que se conseguiu foi apenas um preço bonificado para os agricultores que têm uma contabilidade organizada. Neste momento o desafio está em garantir a unificação do preço do combustível de modo que o desconto esteja sujeito a menos requisitos”.



Izidro Macaringue, representante da União Nacional dos Camponeses (UNAC)

“O custo de combustíveis vem associar-se a um conjunto de dificuldades que já eram enfrentadas pelos pequenos agricultores, nomeadamente a fraca mecanização, o fraco acesso ao mercado, aliado às infra-estruturas débeis sobretudo nas zonas rurais que dificultam o processo de escoamento. As recentes medidas adoptadas no âmbito do Programa de Aceleração Económica (PAE) beneficiam directamente o grande produtor, o que não é mau, mas o Governo deve criar uma matriz operacional que permita que estes benefícios cheguem aos pequenos agricultores, visto que o objectivo do sector privado é o lucro”.

⁵ <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/04/26/food-and-energy-price-shocks-from-ukraine-war>



Loureço Joaquim, produtor de cebola em Gurué

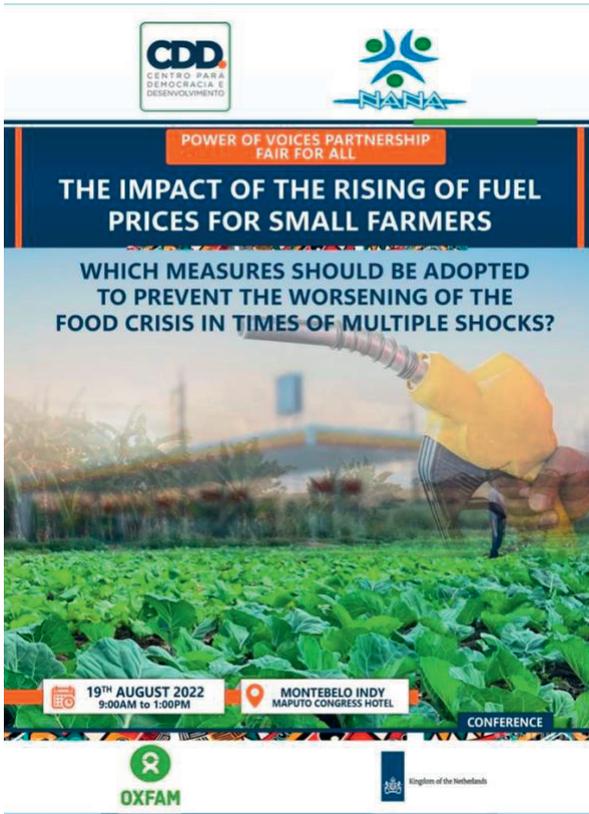
“A subida dos preços de combustível é um problema que ameaça o produtor. Estou a ter elevados custos para fazer a rega com a motobomba. São insustentáveis sobretudo quando conjugados com os custos dos trabalhadores sazonais. Considerando que estamos na fase de produção e falta a segunda fase de comercialização, esses custos mostram que os pequenos produtores terão um grande prejuízo.”



Produtor de cebola em Alto Molócuè

“Estávamos num bom ritmo antes da subida do preço dos combustíveis. Actualmente, em Molócuè 1kg de cebola custa entre 30 e 35 meticais. Com essas subidas nos preços de combustíveis, somando todos os custos de produção e depois do transporte pós-colheita até ao mercado, ficamos sem dinheiro. Ou seja, estamos a produzir para beneficiar o mercado”.





INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autor: Dimas Sinoia
Equipa Técnica: Emídio Beula, Dimas Sinoia, Américo Maluana
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

Twitter: CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: http://www.cddmoz.org

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

